

Na Sala de Aula

QUARTA-FEIRA | 29 | OUTUBRO | 2008



SUSI PADILHA

Geração multimídia



HERMINIO NUNES

Energia na escola

Santa Catarina baniu salgadinhos e frituras das escolas e, agora, começa a introduzir alimentos regionais na merenda. **Página 3**

Apresentação

Filipe Pimentel e Nayana Swarowski ainda não estavam nem em projeto e algumas poucas pessoas começavam a pronunciar palavras que batiam estranhamente nos ouvidos da população. O código binário era um termo tão estranho quanto o "circuit brack" antes da crise econômica mundial abalar as bolsas de valores.

No início dos anos 1970, o máximo que as mentes comuns poderiam deduzir do tal código binário é que era um "código" e que tinha relação com "dois", algo relacionado a "duplo". Uns poucos mais modernos explicavam que código binário tinha a ver com computadores, o que também era um bicho estranho para a imensa maioria da população brasileira.

A Terra não parou de rodar e aquilo que era tão distante da nossa realidade passou a fazer parte do dia-a-dia. O computador está na palma da mão; a internet, no telefone celular. Se é difícil para os quarentões, cinqüentões se familiarizarem com a evolução tecnológica, para jovens como Filipe e Nayana é a maior barbada. Eles nasceram na era digital e pensam de maneira multimídia. Do ponto de vista dos professores, o desafio é compatibilizar esta revolução técnica com os tradicionais quadro-negro e giz. Esta é uma das matérias desta edição do DC em Sala de Aula, um suplemento realizado pelo **Diário Catarinense** em parceria com a Secretaria de Estado da Educação.

Na página central do caderno, a reportagem mostra a evolução dos computadores, com fotos feitas no Museu da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os primeiros são anteriores a Filipe e a Nayana, eram grandes e com capacidade infinitamente menor do que a dos atuais. Os dois jovens são daqueles que, ao mesmo tempo, estão no MSN, Orkut, têm o fone do mp3 no ouvido, o caderno de Geografia na frente e ainda sobra um canto da cuca para algumas outras coisas. É a geração multimídia.

O suplemento, porém, traz mais assuntos interessantes, como o contato das crianças com a política e a experiência catarinense em merenda escolar. Aproveite este número e boa leitura.

Próxima edição

3 de dezembro

Solicitamos que você envie o seu e-mail para que seja estabelecido um canal direto de comunicação: nasaladeaula@diario.com.br

Grupo **RBS** **DIÁRIO CATARINENSE**

Na Sala de Aula

Diretor-geral e Institucional/SC: Marcos Noll Barboza
Diretor-geral de Produto/SC: Cyro Silveira Martins Filho
Editor-Chefe: Cláudio Thomas
Gerente Comercial: Marcelo Marthá
Gerente de Operações: Adriano Araldi
Coordenadora do programa: Vanessa Sanceverino Esteves
Textos do DC: Júlia Antunes Lorenço
Diagramação: Paulo Carvalho
Fotos: Hermínio Nunes, Daniel Conzi e Diego Redel
Edição: Tarcísio Pogliá

Comunique-se com o DC:

Rua: Desembargador Pedro Silva, 2958
 Itaguaiçu - Florianópolis - SC
 ☎ (48) 3216-3444
 📠 (48) 3216-3355
 ✉ nasaladeaula@diario.com.br



Professora Fátima Amorim Agostinho coordena o trabalho sobre eleições, que envolveu os estudantes do Colégio Celso Ramos, na Capital

Laboratório de política

No dia 5 de outubro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tinha um compromisso inadiável; o governador de Santa Catarina, Luiz Henrique da Silveira, também. Assim como o gari que recolhe o lixo da rua onde você vive e o padeiro do seu bairro.

Era o dia da eleição municipal, que se repetiu no domingo passado em 29 cidades brasileiras, onde houve segundo turno.

Aproveitando o embalo da chamada "festa da democracia", escolas abordaram os assuntos eleições e política em sala de aula, como o Colégio Estadual Celso Ramos, localizado num lugar sugestivo para debater o tema: ao lado da Assembleia Legislativa de SC.

Semanas antes do segundo turno, a turma de quarto ano do colégio era só política. Os alunos ficaram divididos entre os dois candidatos à prefeitura da Capital e, quando perguntados para quem torciam, a gritaria tomou conta da sala.

A professora Fátima Amorim Agostinho coordenou os trabalhos envolvendo o tema. Ela disse que queria aproveitar o momento que os alunos estavam vivenciando na sociedade. Relata que os estudantes levam a opinião de casa para a escola, e que, durante a campanha, eles vinham com adesivos colados no peito.

Se até então aquelas siglas que acompanham o nome dos candidatos eram desconhecidas, hoje os estudantes sabem muito bem que se trata dos partidos e até aprenderam a ideologia de cada um.

– Foi bom aprender mais sobre as eleições e os partidos, saber o que cada um faz e fez – afirmou a aluna Crislaine Ferreira da Silva, 12 anos.

A opinião é a mesma da colega Hérica Loreno Gonçalves Anselmo, 10 anos, que

Cidadão e a Política

O desafio de trazer a política para o debate social não é exclusivo de escolas. Para aproximar a sociedade da política e derrubar preconceitos, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina criou, em 2000, o órgão chamado Escola do Legislativo.

A coordenadora da Escola, Carla Vieira Pedrozo, explica que há quatro grandes programas realizados pela Escola: Programa de Formação e Aperfeiçoamento, Programa Conhecendo o Parlamento, Programa Formação de Agentes Públicos e Políticos e Programa de Ensino a Distância.

No programa Conhecendo o Parlamento estão as ações que buscam trazer a comunidade para o mundo político.

Saiba mais sobre algumas ações deste programa, todas abertas para a comunidade:

> **A Escola e o Parlamento:** um dos projetos deste subprograma é o Educação para a Cidadania, onde 110 jovens de escolas de Florianópolis e São José passam seis meses indo à Assembleia Legislativa, produzindo trabalhos, assistindo a palestras e aprendendo o

que é política e seu funcionamento. Ao final do programa, há um sorteio entre os alunos mais participativos, que concorrem a três viagens a Brasília, para conhecer o Congresso Nacional. O próximo programa terá início em 2009 e qualquer escola pode se inscrever.

> **A Comunidade e o Parlamento:** integra a comunidade com o Parlamento, como no Seminário de Formação Política para Lideranças Sociais e Entidades Comunitárias.

> **Parlamento Jovem:** oferece a oportunidade aos alunos catarinenses de participarem de um dia de sessão plenária na Assembleia Legislativa, acompanhando todo o processo legislativo, desde a criação de projetos de lei até a votação deles. Em cada edição do Parlamento Jovem são sorteadas oito escolas, de regiões diferentes do Estado, inscritas para participar.

> **A Universidade e o Legislativo:** Um dos destaques deste projeto é o programa de televisão Fala Jovem, no qual deputados, especialistas e estudantes debatem assuntos atuais, sempre com a participação de uma banda musical. O Fala Jovem é gravado em universidades de todo o Estado e é uma parceria com a TVAL, que transmite o programa.

contou que desconhecia muitos partidos trabalhados.

Estudantes fizeram pesquisa nas ruas

O assunto política não ficou restrito à sala de aula. A professora encomendou aos alunos uma pesquisa de intenção de votos no bairro onde eles moram. Com os dados colhidos, os estudantes passaram os resultados para o caderno em forma de gráfico.

Além disso, Fátima ensinou como funcionam os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Ao serem questionados sobre quem faz as leis, a resposta correta veio em coro. A professora relata que os alunos demonstraram um grande interesse pelo tema. Prova disso, é que muitos afirmaram que foram votar com os pais e que acompanharam a apuração das urnas. O estudante Robson Soares, 11 anos, disse que, além dos resultados daqui, também acompanhou os do Rio de Janeiro.

Mande-nos sugestões para que juntos possamos aprimorar nosso trabalho. Descreva as experiências positivas ocorridas em sua escola e envie os trabalhos realizados através da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

Um dos pilares do aprendizado

Por volta das 10h, o cheiro de comida vai tomando conta do pátio da Escola Lauro Müller, Centro de Florianópolis. Ele vem do refeitório, que aguarda as crianças chegarem para a refeição. No menu, risoto de frango, batata assada, alface, repolho e pimentão. Em diversos casos, esta é a refeição mais importante das crianças durante o dia.

A merenda do colégio, há quatro anos, é cuidadosamente preparada pela merendeira Zilma Cunha. A funcionária diz pouco, porque ao falar sobre seu trabalho, a emoção transparece.

É ela quem prepara a refeição, sempre atenta aos gostos dos alunos. Zilma conta que os pratos preferidos são o tradicional arroz e feijão, macarronada, sopão de legumes e, por mais inusitado que pareça, salada.

Dona Zilma também orienta os estudantes a se servirem. A responsável pela administração escolar, Sirlei Lorena Gesser Battisti, relata que no colégio os alunos servem-se sozinhos. A comida fica num buffet e pratos e talheres numa mesa ao lado.

Sirlei disse que eles trabalham com os estudantes o problema do desperdício. Por isso, as crianças são orientadas a colocar no prato



FOTOS HERMÍNIO NUNES

Na Escola Lauro Müller, o cardápio é feito com base em três grupos de alimentos: proteínas, energéticos e reguladores

uma quantidade moderada de comida. Se a fome persistir, elas podem repetir a dose.

Encerrada a refeição, os alunos ainda são ensinados a jogar fora o resto de comida e a deixar os pratos numa pilha.

– Eles precisam estar conscientes de que, se desperdiçarem, pode haver colegas que ficarão sem comida. Dessa maneira, eles também já sabem como se comportar fora do colégio, num restaurante, por exemplo.

A merenda escolar é oferecida para

alunos de 1ª à 8ª série de escola. São cerca de 500 alunos por dia. Sirlei ressalta que para a maioria a merenda será a única refeição do dia.

Estudantes de olho na pirâmide alimentar

A aluna de 3ª série, Eduarda Mendonça, 8 anos, conta que gosta da comida oferecida pela escola, mas que geralmente se serve apenas uma vez.

– Às vezes é um prato, um prato e meio.

No cardápio preferido está frango e sopão de legumes. Ela diz que no começo do ano eles aprenderam sobre a pirâmide alimentar e garante que procura seguir o que foi ensinado.

– O que está embaixo da pirâmide é o que temos que comer mais. Eu procuro fazer isso.

O colega Dimas Luiz, 11 anos, fala que sempre enche o prato e que come de tudo.

– Comida é comigo! Faço um prato pra não ter que repetir – revela, seguindo lógica contrária da escola.

Inovando a merenda

Acrescentar um alimento, que é característico de uma região, para tornar a merenda mais nutritiva e saborosa, proibir frituras na cantina da escola ou incentivar o consumo de frutas. Medidas assim inovam e melhoram a qualidade do alimento consumido pelos alunos.

Nem todas são iniciativas da Secretaria da Educação (SED). A nutricionista Gladys Milanez explica que muitas partem do município.

Confira algumas mudanças nas merendas catarinenses:

> Em Criciúma, a Secretaria Municipal de Educação acrescentou farinha de milho à merenda escolar dos alunos. A iniciativa contribuiu com os pequenos agricultores de milho, que estavam com a produção estagnada.



> Em Florianópolis, a ostra de-



Zilma Cunha prepara as refeições sempre atendendo o gosto dos estudantes

ve fazer parte do cardápio da rede municipal de ensino já no próximo ano. A Secretaria Municipal de Educação, em parceria com o Instituto de Geração de Oportunidades de Florianópolis (Igeof), testou o molusco no cardápio de cinco escolas da cidade. A média de aprovação foi de 86,9%. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) estabelece que, para um novo alimento ser



acrescentado no cardápio, a aprovação mínima seja de 85%.

A iniciativa atende a um anseio dos maricultores locais, que têm dificuldades para escoar a produção fora do período de verão. A Capital tem cerca de 120 produtores de ostra.

> A maçã integrou a merenda em algumas escolas da rede estadual em 2006. A

iniciativa faz parte do projeto "Mais Frutas na Escola", da SED, que escolheu a maçã para inaugurar o programa, já que o Estado é o maior produtor da fruta. A meta é que até 2009 todos os colégios acrescentem a fruta na merenda. O programa é uma parceria entre a SED e a Associação Brasileira dos Produtores de Maçã. A nutricionista Gladys diz que a avaliação é bastante positiva em relação à qualidade do produto.

> Em 2001, entrou em vigor em SC uma lei que proíbe a venda de salgadinhos fritos e industrializados, balas, pirulitos, goma de mascar, refrigerantes, sucos artificiais e outros alimentos não saudáveis em cantinas das escolas. A Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos tentou derrubar a medida, mas teve o pedido negado em 2003. A lei prevê que no lugar das "besteiras", a cantina deve vender dois tipos de frutas e deixar à vista dos estudantes informações sobre alimentação saudável.



Cardápio com inovação das escolas

O cardápio da escola Lauro Müller, assim como todas as outras de rede estadual, procura seguir as orientações dadas pela Secretaria do Estado da Educação (SED). A nutricionista da SED, Gladys Milanez, ressalta que uma alimentação adequada e balanceada influencia diretamente na aprendizagem do aluno.

Gladys informa que a merenda escolar precisa trazer alimentos de três grandes grupos: os alimentos fontes de proteína (carne, queijo, leite), energéticos (arroz, pão, macarrão) e reguladores (frutas e saladas).

– Mas a escola tem a liberdade de criar os cardápios, de acordo com essas orientações.

Portanto, o prato do dia pode seguir várias combinações. Gladys dá sugestão de uma refeição doce, com leite, com achocolatado, pão e fruta, e de uma salgada, com feijão, arroz, carne e salada.

Como funciona:

> 37 milhões de estudantes no Brasil fazem duas refeições na escola.

> A distribuição de recursos é feita pelo Ministério de Educação (MEC) e passa pelas secretarias estaduais e municipais de Educação. O MEC repassa R\$ 0,22 por aluno, por refeição.

> O Estado recebe do governo federal 53 itens de alimentos, com prazo de validade de, no mínimo, seis meses. Além disso, é repassado recurso para a compra de alimentos perecíveis.

> A Secretaria do Estado da Educação estima um investimento anual de R\$ 80 milhões na merenda escolar, cálculo que inclui transporte, aquisição de alimentos e mão-de-obra.

> Cerca de 3,2 mil nutricionistas trabalham em secretarias de Educação ou diretamente nas escolas. No país, são cerca de 180 mil instituições públicas de educação infantil e ensino fundamental.

> Em Santa Catarina há apenas uma nutricionista para todo Estado.

> Há um projeto de terceirização da merenda, o que aumentaria o número de nutricionistas em SC.

> A merenda escolar do Estado atende 834 escolas, em 189 municípios.

Impressões de uma época

O maior conflito já ocorrido em Santa Catarina e um dos fatos marcantes da história do Brasil, a Guerra do Contestado foi o tema de um trabalho aplicado aos estudantes da Escola Estadual Básica Professora Maria Paula Feres, de Mafra. Eles foram orientados pela professora Bianca Beli Gielgen, e o objetivo foi resgatar a memória da região.

A Guerra do Contestado durou quatro anos e também envolveu o Paraná. O conflito começou em 1912, numa área então disputada pelos dois estados. A luta pela posse da terra levou ao combate, até 1916, em torno de 20 mil sertanejos. Eles haviam trabalhado na construção da estrada de ferro que liga São Paulo ao Rio Grande do Sul, e que corta Santa Catarina no

Meio-Oeste. Terminado o trabalho, havia uma massa de desempregados numa área onde uma empresa norte-americana, responsável pela construção da ferrovia, tinha recebido a concessão de uma enorme porção de terras.

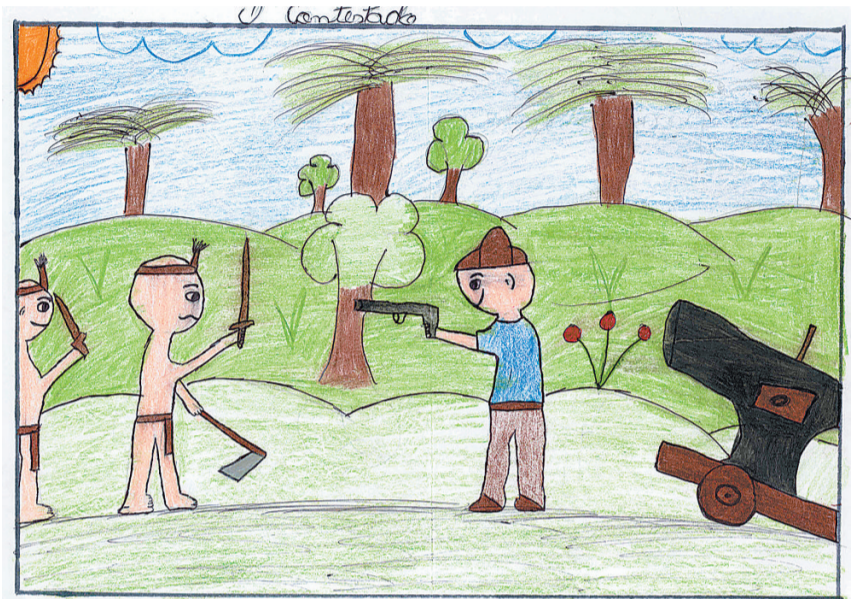
A Guerra do Contestado envolve messianismo, luta por terra, crença em justiça social e fraternidade. O conflito acabou com o massacre dos caboclos, que chegaram a obter

vitórias, mas sucumbiram à disparidade das forças bélicas federais.

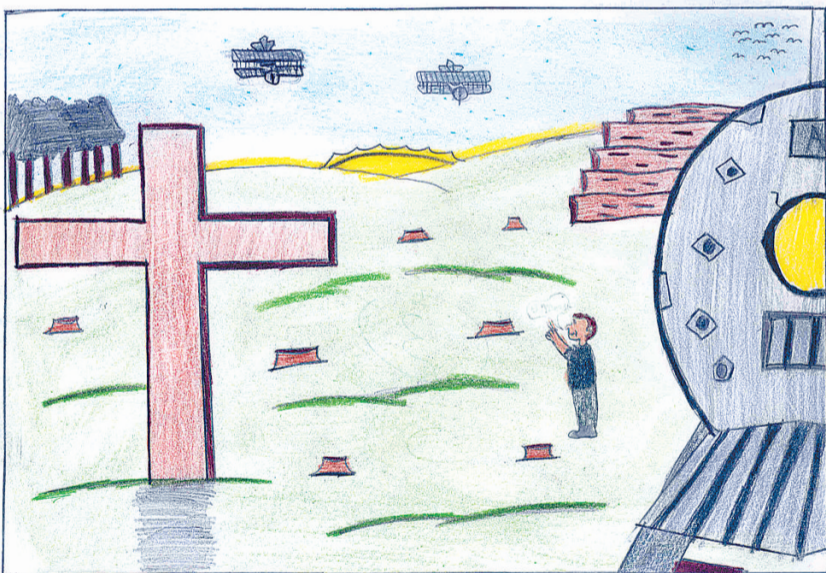
Este confronto marca a utilização, pela primeira vez na América Latina, da aviação com fins militares. No fim, Santa Catarina e Paraná chegaram a um acordo sobre os limites entre os dois estados e começou a ser intensificado o processo de colonização. Veja os trabalhos realizados pelos estudantes de Mafra.



Ramon Peters de Amorim, 14 anos



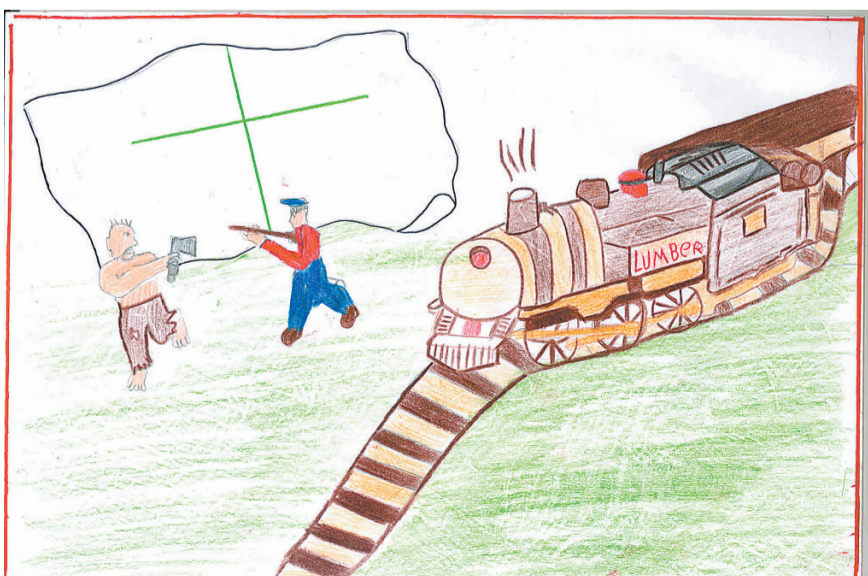
Paula Janaina Alves



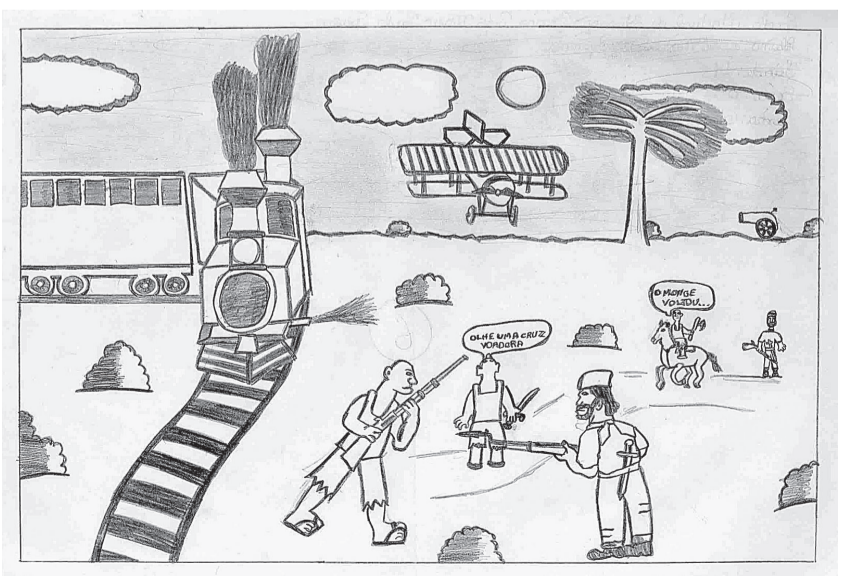
Lucas Roberto Stanchevitz dos Santos, 13 anos



Willian José Pettrez, 14 anos



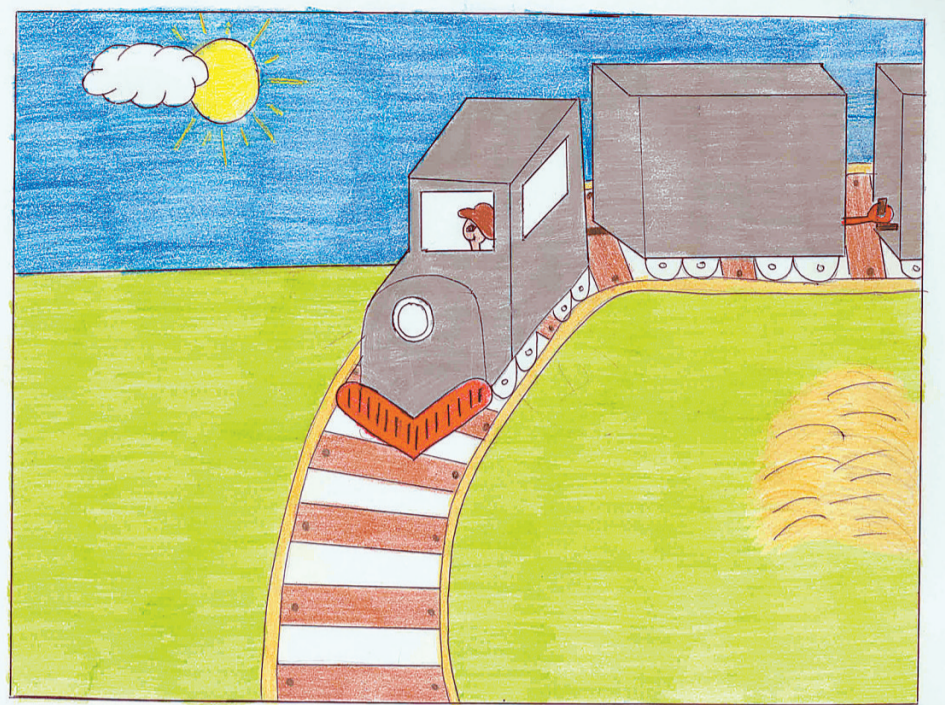
Juliano Peters, 14 anos



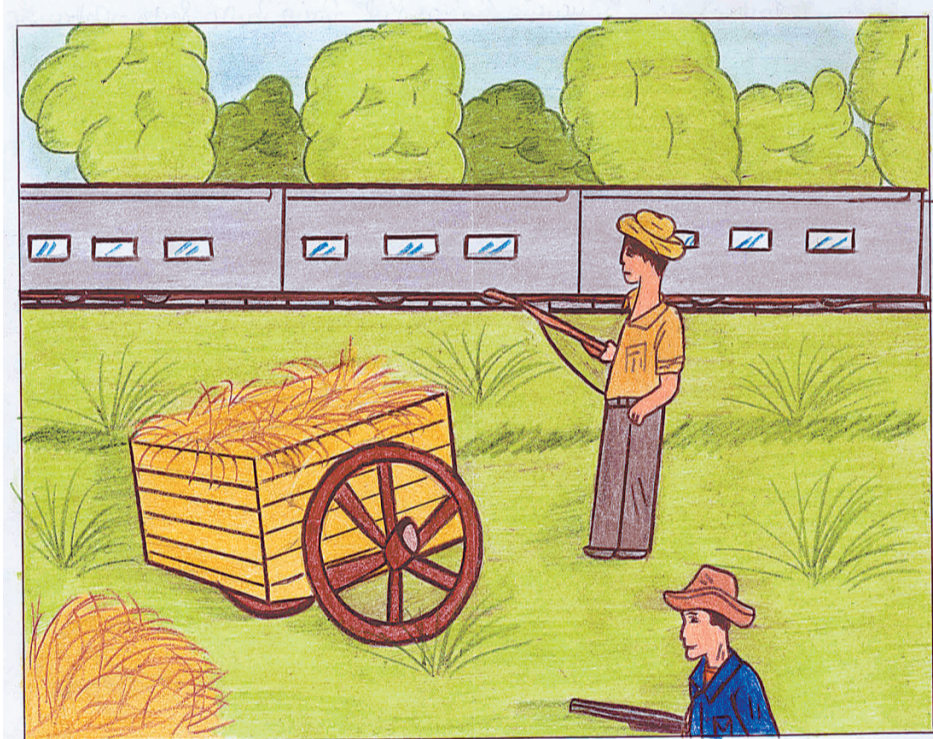
Davi Manoel de Espíndola, 14 anos



Vanessa Crestene Brey, 14 anos



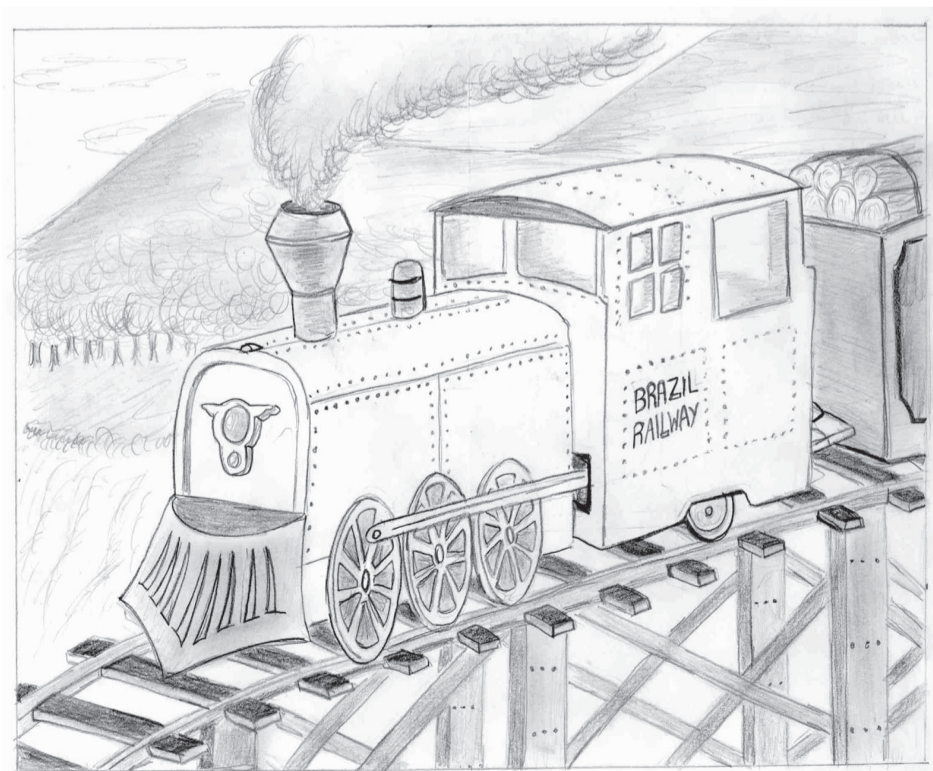
Aline Carolina Arbigans, 14 anos



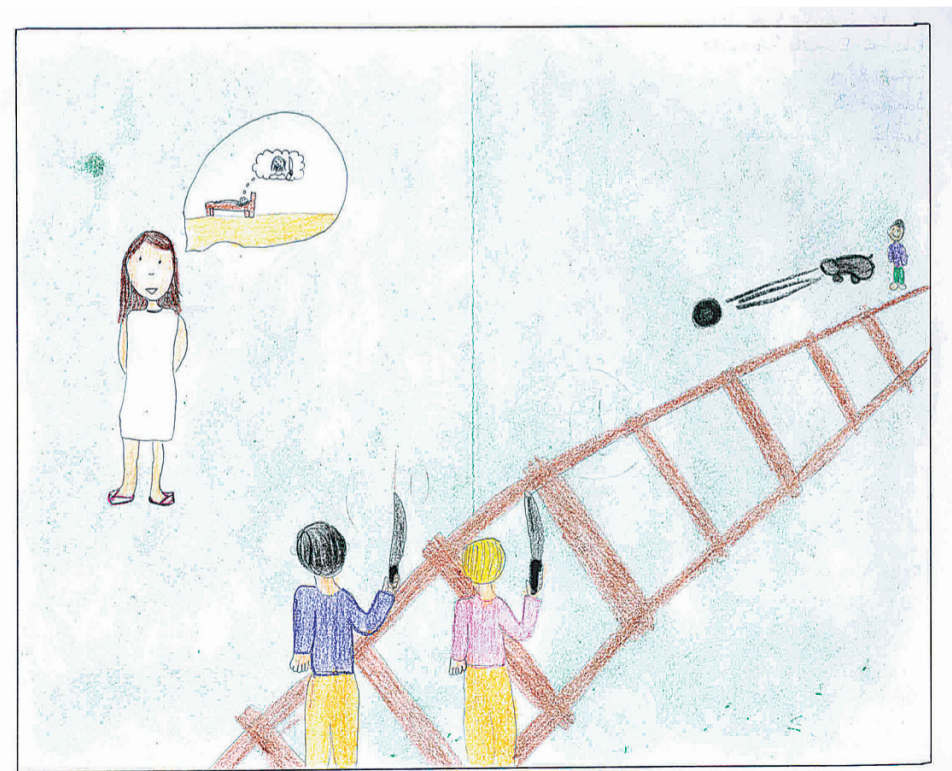
Carla Andressa Keine, 14 anos



Mônica Kondlatsch, 14 anos



Juliano Müller Soares, 14 anos



Danièle Pscheidt, 13 anos

Quadro e giz vão permanecer

O aluno atual está ligado a todo tipo de novidade. No entanto, achar que as novas tecnologias são uma concorrência para o aprendizado é considerado um erro pelo professor Alex Primo, do programa de pós-graduação em comunicação e informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS).

Primo acredita que não dá para as pessoas pensarem: ou é tecnologia, ou é sala de aula.

– Isso não confere. O giz não vai ser abandonado. É um alarmismo. Só quem teme isso é o mau professor, mas esse aí já foi atropelado há muito tempo, não pela tecnologia, mas sim pela própria história.

O pesquisador acredita que os educadores precisam aproveitar as vantagens que a internet oferece, como a grande quantidade de informação e valorizar o lado curioso e pesquisador do educando. Para ele, o importante é não bloquear a cria-

tividade dos alunos.

– Essa é uma geração curiosa e não é avessa à novidade. Nem todo mundo sabe usar todos os recursos, mas dada a oportunidade os estudantes vão ter vontade de ir atrás. Tem que pensar que as ferramentas são de busca e aprendizado e não uma concorrência para o ensino.

Outra dica do pesquisador é trabalhar com as linguagens que estão na internet, como os blogs, que podem ser usados para discutir o conteúdo. Para ele, até o próprio Orkut pode ser aproveitado pelo educador. Primo ressalta que o site tem fóruns interessantes, e que o professor pode iniciar uma discussão no Orkut.

– É usar justamente a linguagem que as pessoas conhecem, acham divertida e gostam. A área da educação sempre trabalhou com inovação, por que que vai ser diferente agora?

No entanto, o professor ressalta que é preciso saber usar essas ferramentas para não prejudicar as aulas.



Filipe Pimental, Nayana Swarowski, Nayara Martuscelli e Jaqueline Fischer, do Instituto Estadual de Educação, usam internet, celular, mp3 e máquina digital no dia-a-dia

Colégio é para educar

IRANI MAAS MARQUES *

Objetivo deste texto é apresentar resultados de um estudo desenvolvido na linha de pesquisa Educação, Estado e Sociedade do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau. O estudo teve como objetivo identificar o conteúdo e o processo de formação da representação social de um grupo de 78 estudantes sobre o silenciamento escolar. O que é realizar um estudo em representações sociais? É um esforço em entender o comportamento cotidiano e o funcionamento de um grupo social e de como os saberes desse grupo influenciam as regras de uma comunidade, a identidade dos indivíduos e seus papéis sociais.

Para levantamento da base empírica, foi utilizado um questionário envolvendo as opiniões, crenças, valores e sentimentos dos alunos sobre o objeto investigado. Os resultados obtidos confirmam a presença de um processo de silenciamento (in)voluntário dos estudantes. Permite afirmar que, no contexto escolar, práticas de gestão estão associadas a mecanismos de controle e exclusão e que esta associação origina algumas das dificuldades enfrentadas nas escolas atualmente.

Na representação social dos estudantes, o processo de silenciamento é voluntário, ele orienta o comporta-

mentos e emerge como uma atitude de sujeição. A sujeição pode ser entendida como ação internalizada de obediência.

O processo é confirmado também como involuntário quando o silenciamento é externo, entendido como uma ação que ocorre em função do outro. Os estudantes revelam-se sujeitos a alguém, ou alguma norma, pelo controle e pela dependência.

A afetividade nas relações escolares é apontada pelos alunos como importante e necessária. Esta representa uma disposição interna para compreender, respeitar, dialogar, escutar, aceitar e desejar a proximidade do outro. Assim, pela amizade intensifica sua relação consigo mesmo, observa seus limites ao mesmo tempo em que aprende a respeitar os limites do outro.

No ambiente escolar, o adolescente passa a maior parte de seu tempo à caça de um "grupo de iguais", para se auto-afirmar e tornar-se mais independente. Por isso há grande frustração quando rejeitado por grupos ou pessoas específicas. O "ouvir" e o "deixar falar" na busca de solução conjunta dos silenciamentos que ocorrem na escola configuram-se como atitudes positivas no cotidiano escolar, de tal modo que todos fossem incentivados a resolver os conflitos dessa forma.

* Orientadora educacional

Cabeças multimídia

O computador, a internet, o telefone celular, o aparelho de mp3, a máquina digital. As tecnologias são muitas e, todos os dias, elas evoluem mais. No entanto, para uma geração nova de adolescentes, que cresceu apertando botões, nada mais normal do que incorporá-las e utilizá-las no dia-a-dia.

Adolescentes como Filipe Pimental, 17 anos, Nayana Swarowski, 14 anos, Jaqueline Fischer, 14 anos e Nayara Martuscelli, 14 anos utilizam esses aparelhos e suas dezenas de funções todos os dias. Dar uma pausa nessas inovações para assistir às aulas do colégio torna-se para eles um tanto monótono.

Jaqueline, estudante da 8ª série do Instituto Estadual de Educação (IEE), conta que está acostumada com as aulas tradicionais, com giz e quadro, mas que tem certeza de que elas ficariam melhores se o professor variasse um pouco mais.

Ela relata que entra no computador todos os dias, e que, nos finais de semana, fica na frente do monitor até de madrugada. Entre os sites acessados estão o de relacionamento, Orkut e de seu time de futebol, o Internacional.

A colega de turma Nayara entende que o modelo tradicional de aula é necessário, mas também acredita que seria melhor se os professores variassem mais. Como uma típica adolescente, Nayara tem mp3, celular desde os nove anos, e o computador está presente na casa dela, desde quando ela tinha três anos.

Um estudante cresceu com o computador e aprendeu a mexer na máquina sozinha. Hoje, passa duas a três horas navegando pelo Orkut e conversando no MSN, porém no momento está de castigo. Por causa das notas baixas, a mãe proibiu que ela utilizasse o computador.

Estudantes usam o computador com facilidade

A professora do laboratório de informática do IEE, Sidneya Magaly Gaya, diz que a facilidade dos estudantes no computador é notável. Ela observa que quando os professores precisam entrar em sites como o Orkut são os alunos que ensinam.

Sidneya informa que a escola bloqueou o uso de páginas de relacionamento, MSN e You Tube em um dos laboratórios, mas que no outro, essas ferramentas podem ser acessadas desde

que seja uma emergência, como mandar via chat algum recado para a mãe.

A curiosidade e a mente inquieta dessa geração não restringe o uso do computador apenas a sites de relacionamento. Sidneya diz que muitas vezes os alunos aparecem com sugestões de sites que descobriram fuçando na internet.

– Eles já acharam página de raciocínio lógico e outra de montar histórias em quadrinhos, que é toda em Inglês, mas eles mesmo já descobriram um tradutor na internet para usarem o site.

Atento à nova geração de alunos, o professor de Física da escola, Geson Pires, pediu a eles que fizessem um blog sobre algum conteúdo da disciplina. Ele acredita que se a aula for apenas expositiva acaba distanciando o educador do aluno.

O professor de Biologia, Roberto Ferreira, também utiliza o computador em suas aulas. Os estudantes já produziram vídeos, fizeram pesquisas na web e apresentações com data show. Para ele, o computador é uma ferramenta indispensável nas aulas.

– Não significa que o professor não possa dar apenas uma aula com quadro e giz. Mas o computador é um recurso para os alunos ficarem mais entretidos.

Apenas sala de aula é desanimador

Desde os 11 anos, Filipe Pimental, 17 anos, utiliza o computador, que já tinha há mais tempo em casa.

O estudante do segundo ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação conta que, no início, a irmã mais velha ensinou algumas coisas para ele, mas que depois ele aprendeu sozinho, "fuçando".

Filipe Pimental relata que, todos os dias, fica cerca de duas a três horas no Orkut, no MSN, pesquisando e jogando games como o Country Strike (CS) e Priston Tale, uma espécie de RPG on-line.

Além de fazer tudo isso, ele às vezes resolve os exercícios da escola enquanto está no computador.

– Daí minha mãe implica – comenta o estudante.

Filipe considera as aulas com quadro e giz monótonas demais. Ela fala que gosta do professor de biologia, que procura usar bastante o projetor e o power point nas aulas.

– Só sala de aula é desanimador. Filipe ainda não sabe exatamente qual profissão seguir, mas tem certeza que será alguma coisa ligada a informática.

Confira alguns modelos e computadores até chegar nos atuais e notebooks. As máquinas estão no museu da UFSC.



> Estação de trabalho SPARC SERVER 670 MP
Alto desempenho
Ano: 1992



> Unidade Edisa 690



> Computador manual Rever Cruiser 433 DXC



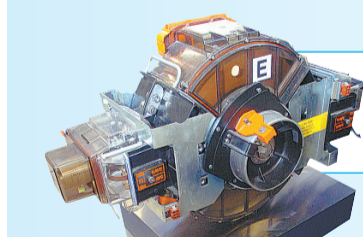
> Estação Risc 7248
Processador 120 MHz
Disco rígido 2GB



> Computador CP500
Sistema operacional DOS 5.0
Ano: 1983/1985



> Computador Década de 1990



> Disco rígido do computador IBM 4941



> Computador Década atual



> Terminal de vídeo IBM 3278



> Notebook Década atual



Aluna ligada a todas as novidades

Nayana Swarowski, 14 anos, aluna da oitava série do Instituto Estadual de Educação, convive com um computador desde criança. Aos 10, já tinha celular. Ela conta que todos os dias fica em torno de duas horas na frente do monitor. Nos finais de semana admite que esse tempo aumenta bastante.

Para evitar que ela passe o dia inteiro no computador, os pais costumam controlar o tempo que ela fica conversando no MSN, navegando pelo clássico site de relacionamentos Orkut e pelas páginas sobre medicina, a profissão pretendida.

O You Tube também está na lista de sites acessados pela adolescente, onde ela pode assistir a vídeos com

as séries de televisão. Nayana conta que faz tudo isso ouvindo música ou assistindo à televisão, ou os dois ao mesmo tempo.

A estudante, que também tem aparelho de mp3, revela que já ouviu música em sala de aula. No entanto, admite que atrapalhava bastante a concentração.

– Hoje a ordem é de não ouvir e eu obedeço.

Tão ligada às tecnologias, a aluna fala que as aulas só com quadro e giz são monótonas. Ela gosta quando o professor inova e tenta dar um ânimo ao ensinar o conteúdo.

– A professora de matemática colocou um conteúdo chato no power point e nos mandou por e-mail, ficou bem legal. É bom quando o professor faz uma aula diferenciada – comenta.

Elementos que mundam a cabeça

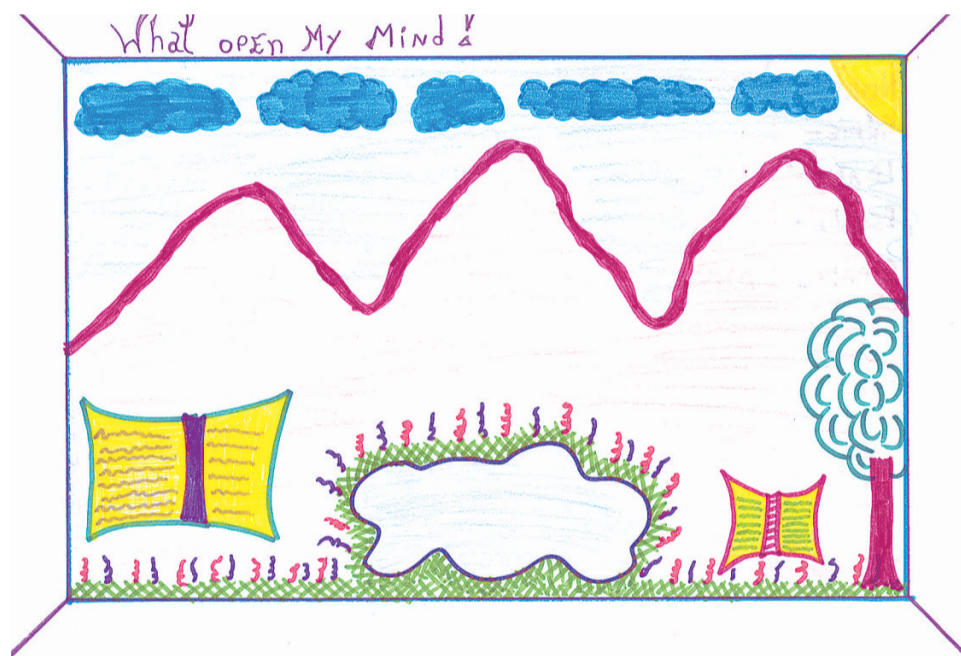
“O que me abre a cabeça” foi o tema escolhido pela professora Lúcia Sueli Brzozowski, de Inglês, num trabalho com os alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e nas turmas do ensino médio da Escola Básica Professor Manoel da Silva Quadros, em Canoinhas.

Durante as aulas, os estudantes levantaram e debateram questões relacionadas ao tema proposto, salientando o que abre suas mentes, através do conhecimento, da convivência com pessoas mais velhas, da leitura e dos diversos meios de comunicação.

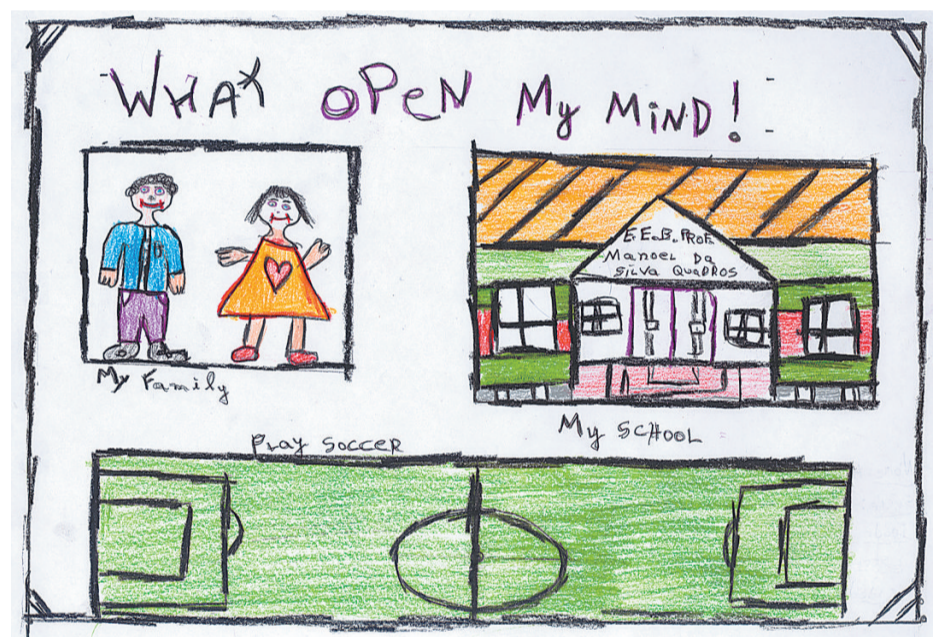
Confira os trabalhos dos alunos.



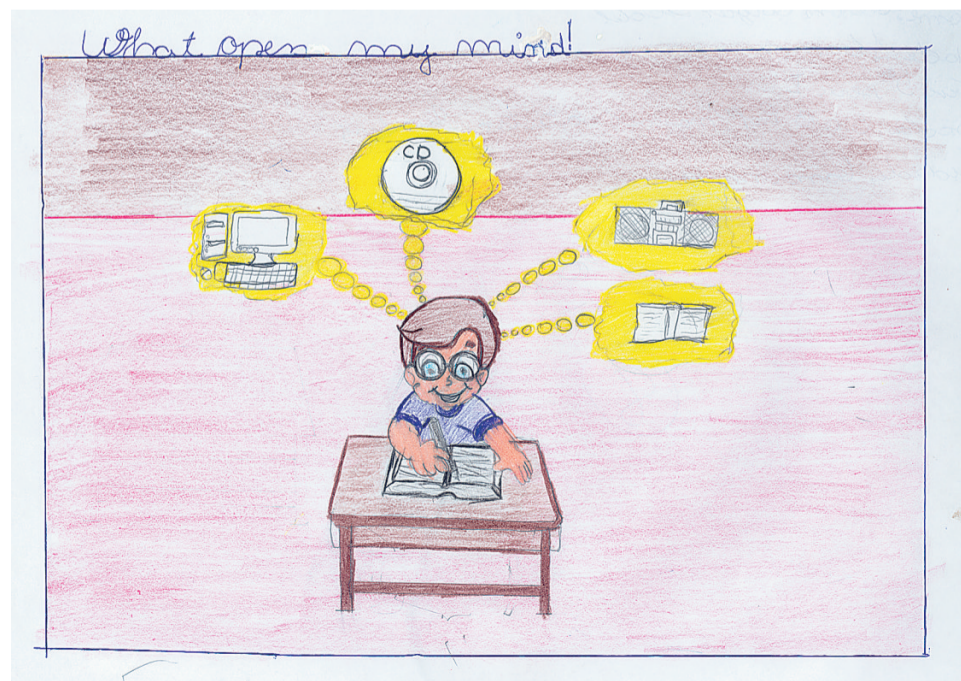
Gislane Ribeiro, 11 anos, 5ª série do ensino fundamental



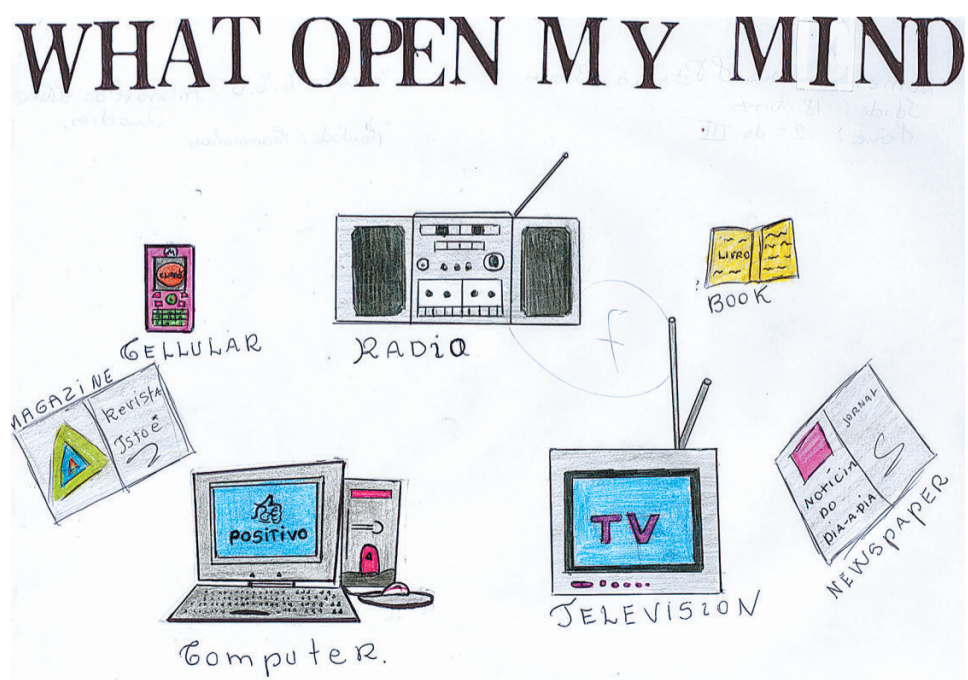
Luan Medeiros, 16 anos, ensino fundamental.



Augusto Willian Voigt, 14 anos, 1º ano do ensino médio



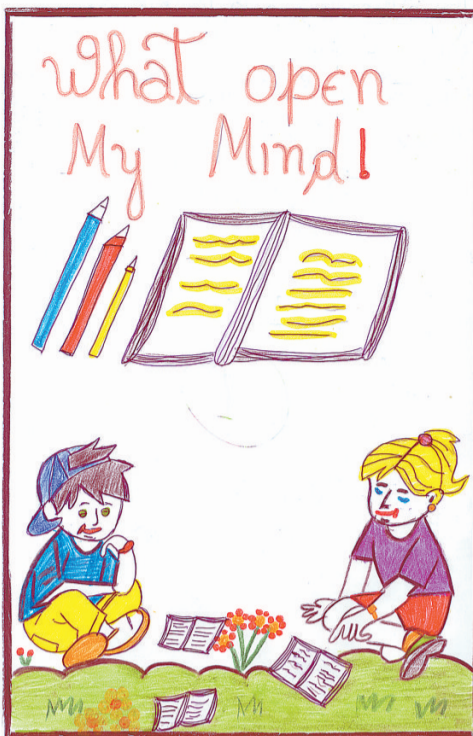
Edson Edgar Seidel, 11 anos, 5ª série do ensino fundamental



Sandra Patrícia Balrsis, 18 anos, 2º ano do ensino médio



Carine Rodrigues Ferreira, 16 anos, 2º do ensino médio



Mara Lúcia Bedrechuk, 16 anos, 2º do ensino médio



Francieli Aparecida Champoswhi, 16 anos, 2º ano do ensino médio



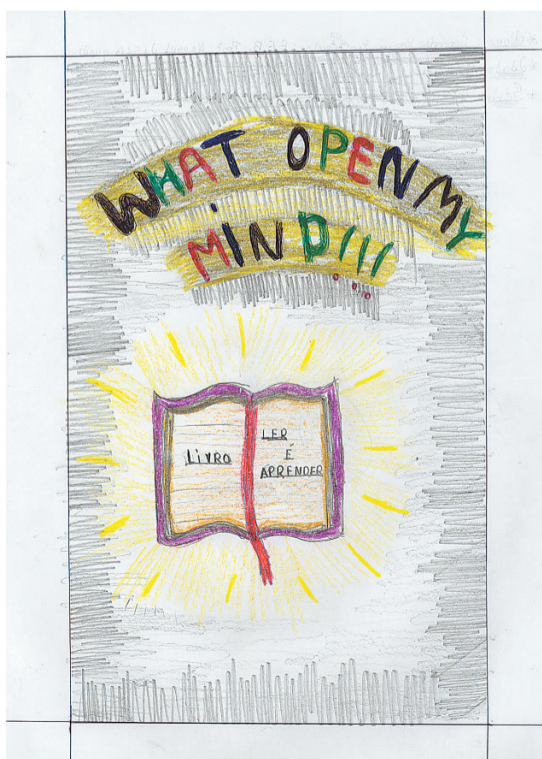
Luciane Schimitberger, 16 anos, 2º ano do ensino médio



Cátia Brandl, 16 anos, 2º ano do ensino médio



Gilberto Padilha de Souza, 11 anos, 5ª série do ensino fundamental



Evandro Roque Francisco, 17 anos, 2º do ensino médio



Cléia Rodrigues Ferreira, 16 anos, 2º do ensino médio



Alice Woehl, 11 anos, 5ª série do ensino fundamental

Maleta repleta de livros

O menino que tinha fogo no rabo e asas nos pés atravessou gerações e continua sendo um garoto, encantando a criança. Com aplausos e gritaria, o escritor Ziraldo, criador do personagem Menino Maluquinho, foi recebido, em Florianópolis, por 250 alunos da rede estadual.

Ziraldo esteve na Capital para lançar o projeto *Planeta Leitura - Ziraldo e seus Amigos*, que vem sendo implementado pela Secretaria de Estado da Educação em todas as escolas públicas de Santa Catarina.

Cerca de 420 mil estudantes do 1º ao 9º ano irão receber maletas com livros infantis de autoria de Ziraldo, Ruth Rocha, Toni Brandão, Ana Maria Machado, Werner Zotz, Patrícia Engel Secco e outros. As obras de cada maleta são escolhidas de acordo com o nível e as necessidades de aprendizagem da série em que serão utilizadas.

São nove maletas, uma para cada série, com 12 títulos. Os livros abordam temas do cotidiano das crianças e dos adolescentes, como ética, saúde, pluralidade cultural, namoro e meio ambiente.

No evento de lançamento, Ziraldo fez questão de ressaltar a importância da leitura na vida dos alunos. Ele observou que os estudantes chegam à universidade analfabetos, porque não gostam de ler.

– O estudo é muito importante, mas mais importante é a leitura. Não deixe o aluno chegar à internet, sem passar pelo livro. A criança tem que aprender a gostar de ler – des-

tacou o pai do *Menino Maluquinho*.

O escritor Toni Brandão, que também esteve no evento, ressaltou que o livro deveria ser usado com algo prazeroso, assim como os brinquedos.

– Antes de pensar na obrigatoriedade, pensem no prazer da leitura!

Além de entregar os livros, o projeto também prevê capacitação e acompanhamento do trabalho dos professores que vão utilizar o material.

Número de páginas não importa

Os alunos da escola Maria do Carmo Lopes, de São José, na Grande Florianópolis, já receberam a maleta e embarcaram no mundo da leitura. Empolgados, eles contam os livros que já leram e quais foram os preferidos.

Douglas Miguel, 10 anos, da quinta série, falou que gostou muito de *O Mistério do Trem Fantasma*, de Thomas Brezina. O livro tem 127 páginas, porém Douglas afirma que o tamanho não importa.

– Ele é grande, mas é muito bom. Não importa quantas páginas o livro tem, ele precisa ser bom.

A opinião é compartilhada pelas colegas Larissa Vieira, Natasha Henrique, Elisa Rodrigues e Daiane Soares. Elas também falam que já estão lendo as obras e que acharam o projeto legal.

As professoras de português da escola, Marilange Nalu Lopes e Maria da Conceição Rodrigues, confirmaram que o retorno dos alunos é bastante positivo.

– Eles estão adorando!



Ziraldo aconselha que estudantes não devem chegar à internet antes do livro

País de pouca tradição na literatura

Mineiro de Caratinga, Ziraldo Alves Pinto é também caricaturista, jornalista e teatrólogo. Seu primeiro livro infantil *Flicts* foi escrito em 1969. Em 1980, lançou *O Menino Maluquinho*. Ziraldo é o autor de *O Joelho Juvenil* e de títulos mais recentes como *Menina das Estrelas* e *Namorado da Fada*.

O escritor não concorda que a criança brasileira não gosta de ler. Ele argumenta que a família não tem o hábito da leitura e que o país não tem tradição na literatura, por ser relativamente novo.

– O Brasil não tem 500 anos, o Brasil nasceu em 1808. Antes, ele era um empresa portuguesa, aliás super explorada pelos portugueses. O Brasil é muito novo e não tem tradição literária.

Para atrair o leitor infantil, Ziraldo não tem segredo, mas procura fugir da mesmice.

– Eu descobri que eu escrevo para família toda. Pai lê, mãe lê, vó lê, primo lê. Se você começa a fazer igual a televisão, que procura saber o que o público está querendo, você vai cada vez baixando mais o nível do que faz. O público quer comprar feito. Se me perguntam se eu consulto criança e faço pesquisa com criança, eu respondo não, uai, eu já fui criança e sei como é que é.

diario.com.br

> Ouça a entrevista com o escritor no Blog de Letrinhas, no endereço: www.diario.com.br/blogdeletrinhas

Leitura precisa ser prazerosa

Toni Brandão é autor multimídia, com projetos para teatro, televisão, cinema, internet e computador. Na literatura, seus livros discutem temas próprios para os leitores pré-adolescentes e jovens, como relações afetivas, ética e cidadania, numa linguagem coloquial.

Ele é autor de *Foi ela que começou*, *Foi ele que começou* e *Cuidado: Garoto Apaixonado*.

Para Toni Brandão, o desafio dos escritores é possibilitar aos leitores atuais os livros que sejam atuais. Ele resalta que é preciso fazer com que a leitura seja tão atraente quanto o vídeo game, o computador e a internet.

– É preciso aproximar a literatura do prazer.

O escritor conta que procurar agregar de todas as maneiras a tecnologia ao seu trabalho.

Toni não concorda que o jovem não gosta de ler. Para ele, o que falta é o acesso à leitura.

– Dando o livro de presente ao adolescente não falta nada. Porque vontade de ler, com certeza ele já tem.

Dicas do escritor aos educadores para incentivar o aluno a ler

> Primeiro, o professor tem que gostar de ler, porque se não gostar, ele não pode fazer nada. Ele tem que saber o que é a emoção de ler.

> Se não gostar de ler, é bom levar um contador de história para a sala de aula. A criança vai ficar numa felicidade espantosa, porque todo mundo gosta de ouvir história. Um contador de história

ganha de qualquer programa da Xuxa, de qualquer desenho animado. Você olha a cara das crianças, parece que a imaginação corre solta.

> Leia para o aluno, um capítulo por dia. Ler! Depois pede para cada um dos colegas ler um capítulo por dia também.

> Pai, bota o filho no colo e leia para

ele. Mãe lê na hora que o filho vai dormir.

> Tem que começar a incentivar muito cedo. Porque se aos oito anos não conseguiu despertar o interesse pela leitura, não vai ter mais jeito. Tem criança que nasce gostando de ler, é um milagre, não tem explicação.



Alunos receberam a maleta com livros de acordo com o nível de aprendizado

Uma revolução

Em tempos de internet e de telefones que recebem e enviam e-mail, que batem fotografias etc, dizer que uma maria fumaça foi sinônimo de desenvolvimento até pode parecer estranho. No entanto, a ferrovia foi um dos símbolos do final do século 17 e começo do 18, quando começou a era da velocidade e da indústria.

Este movimento começou na Grã-Bretanha no final do século 17 e transformou, primeiro, a sociedade européia, e se espalhou pelo mundo.

A capacidade produtiva era baseada no esforço físico e as máquinas começaram a assumir as funções tanto humanas quanto animais. A produção passou a se multiplicar rapidamente.

Para resgatar um pouco da história da região e também para os alunos sentirem o sacolejar daquela máquina que foi um símbolo mundial, as professoras levaram a turma a fazer um passeio na Estrada de Ferro Santa Catarina, em Rio do Sul. Depois de ouvir instruções, os estudantes transferiram para o papel a impressão que tiveram na aula-passeio.

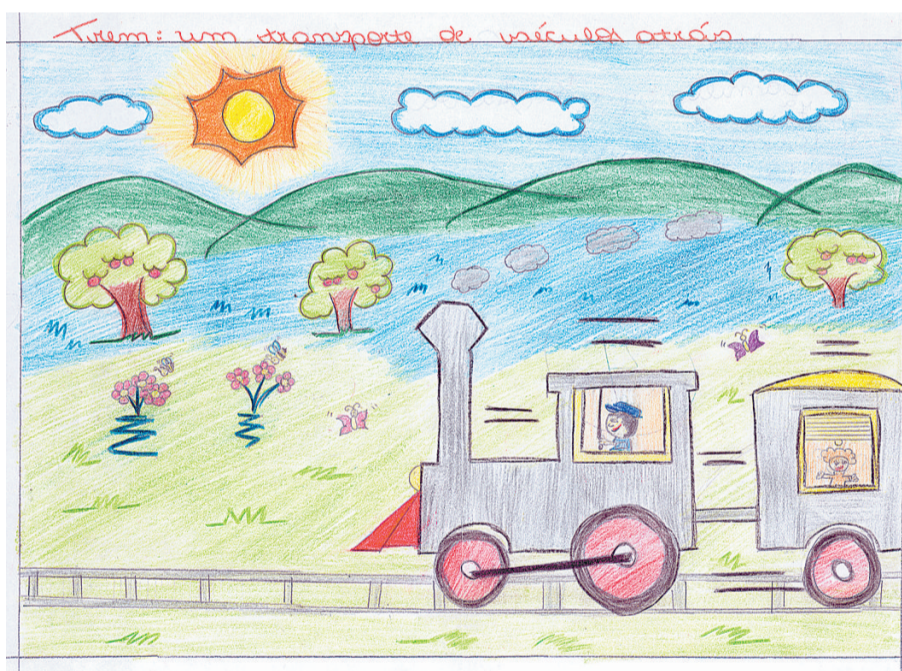
A Revolução Industrial foi o tema de um trabalho bem interessante realizado na Escola Estadual Básica Pedro Américo, em Agrolândia, pelas professoras Kátia Helene Wulf Betta e Marlene Doering Wünske, com estudantes das sétimas séries do colégio.



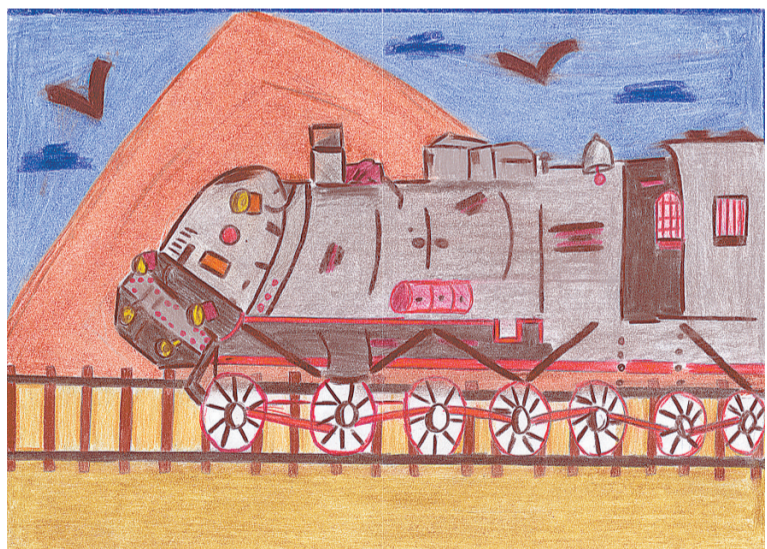
Kethlin Mikaela Barhfeld, 12 anos



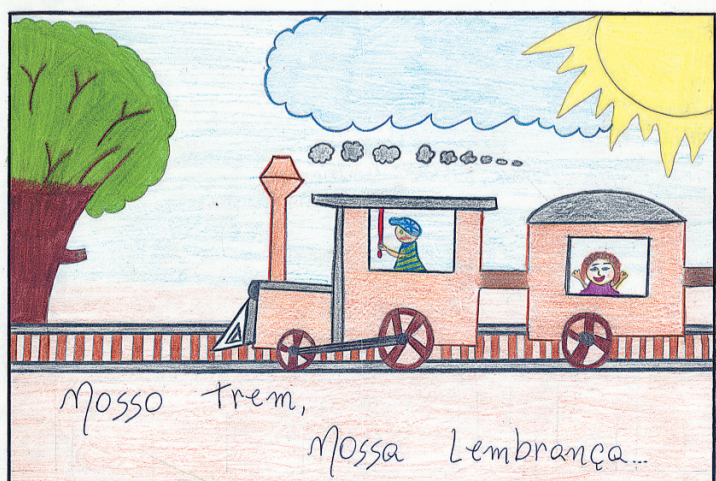
Andre Ninkotter, 14 anos



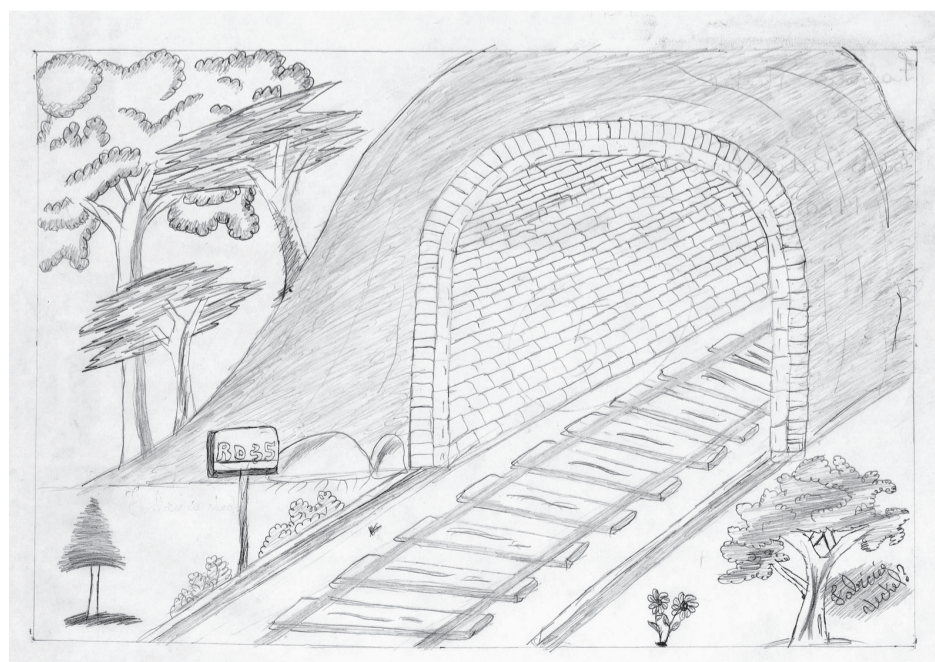
Camila Eyng da Silva, 12 anos



Monica Jaqueline Hasse, 13 anos



Natália Luiza Ramos, 12 anos



Fabricio Neckel, 14 anos

Notícias e contos juntos

O jornal foi o centro das atenções de um trabalho desenvolvido pela professora Rosane Pauli, da Escola de Ensino Fundamental Monsenhor Sebastião Scarzello, de Joinville, com estudantes de 4ª série.

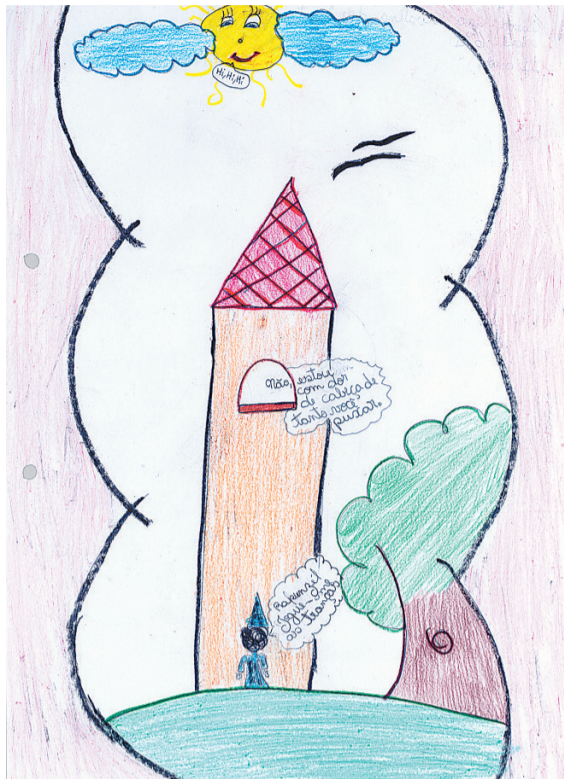
Ela explicou às crianças que a história da humanidade chega ao nosso conhecimento, dentro de nossas casas, através dos periódicos. Resaltou que as notícias são apresentadas com linguagem objetiva e os assuntos são variados.

Para a professora Rosane, a leitura é uma habilidade que deve ser adquirida desde cedo. Durante o

trabalho de aula, traçou como objetivos a observação do jornal como forma de exploração e construção de conhecimentos, e para despertar o interesse e o gosto pela leitura, como meio de estimular a capacidade de análise e síntese.

Apresentados os objetivos, a professora Rosane passou para a parte prática. Foram selecionados livros infantis, contadas e discutidas as histórias. Depois, as crianças escolheram um personagem da literatura e montaram charges, passatempos e palavras cruzadas em relação aos textos.

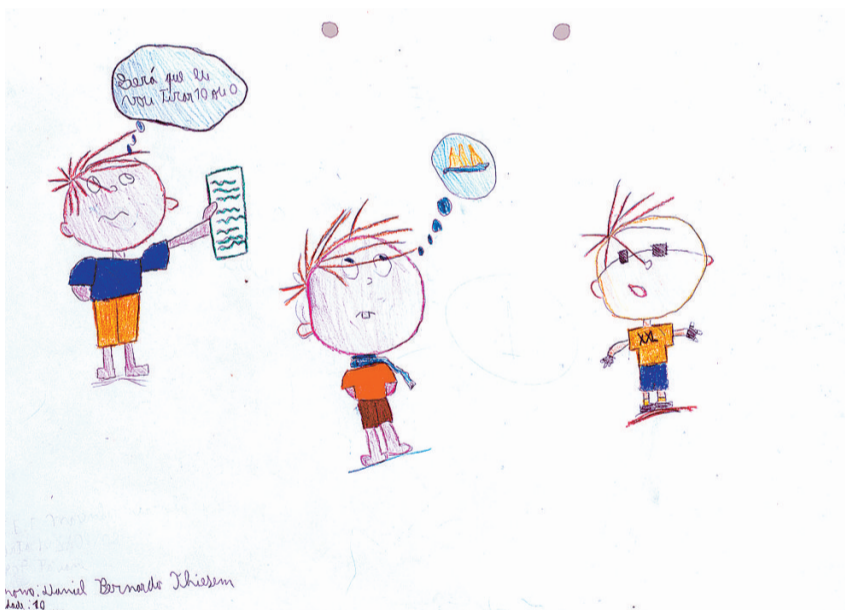
Veja alguns dos trabalhos que surgiram no denominado Dia do Conto.



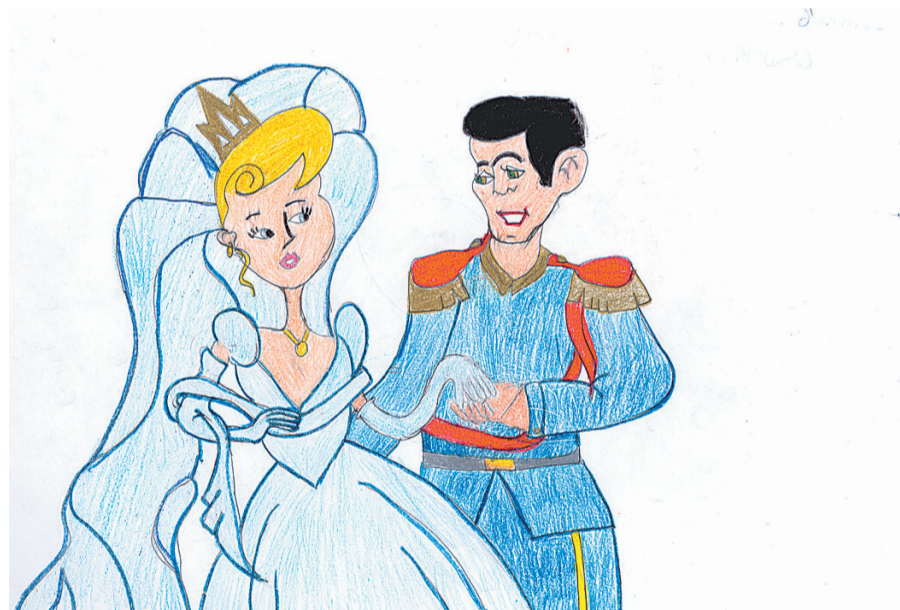
Ana Cristina dos Santos, 11 anos



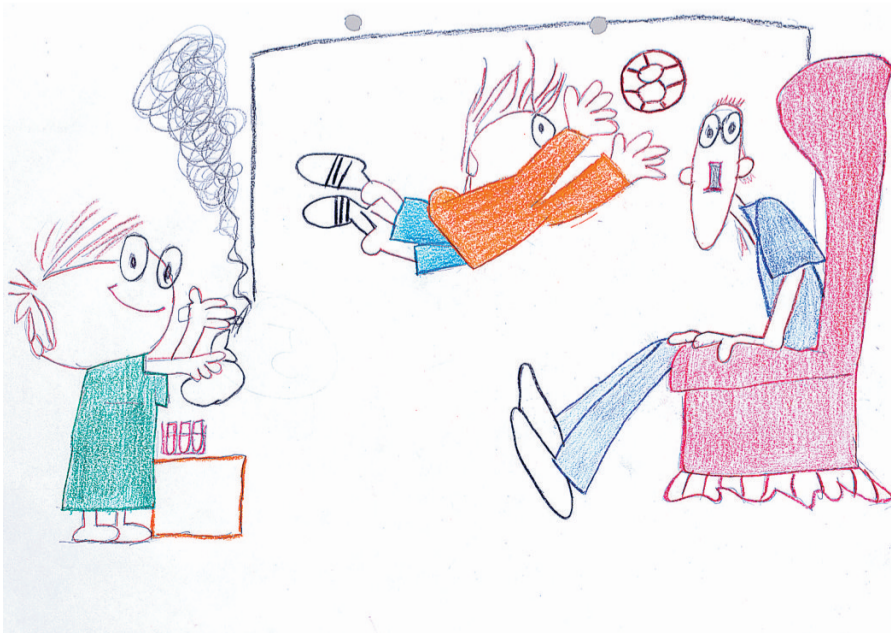
Nahala Zaine Cerqueira, 11 anos



Daniel Bernardo Thiesen, 10 anos



Cristiano dos Santos, 11 anos



Gladson Goulart, 11 anos



Larissa Luíza dos Santos, 10 anos